

A DIMENSÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Juliana Rink¹

Maína Bertagna Rocha²

Rebeca Chiacchio Azevedo Fernandes³

A Oficina “A dimensão social da Educação Ambiental” foi organizada por nós, pós-graduandas do Grupo Formar-Ciências, Juliana Rink, Maína Bertagna Rocha e Rebeca Fernandes, a partir de uma experiência docente vivenciada no início de 2009, durante o oferecimento de uma disciplina eletiva para o curso de Pedagogia da UNICAMP. Intitulada “Educação e Cidadania”, a disciplina foi organizada, contemplando um conjunto de Oficinas de Produção em ensino de Ciências e Educação Ambiental.

Dentre vários fatores, o que mais nos chamou a atenção durante as aulas foi relativo às concepções sobre meio ambiente trazidas pelos alunos. Pudemos notar que, na maioria das vezes, houve claro predomínio de concepções voltadas apenas ao ambiente natural, ecológico ou biológico (visão naturalista), evidenciando a dissociação, a dicotomia do homem em relação ao meio ambiente.

Em nosso entendimento e segundo Amaral (2003), para que se “revele plenamente o ambiente em suas múltiplas facetas” e se realize uma Educação Ambiental crítica e reflexiva, são necessárias mudanças nas concepções e nas visões equivocadas de professores que ensinam Ciências e desejam trabalhar com Educação Ambiental em todos os níveis educacionais. Acreditamos que um possível ponto de partida para tais mudanças seja o entendimento de que o homem também é parte integrante do ambiente onde vive e inter (age), bem como tal “homem”, do qual falamos, não é um ser genérico e imaginário, podendo ser o próprio professor e seus alunos. Além disso, é importante trabalhar a concepção de que o ambiente não é único e singular, mas plural e heterogêneo, sendo a escola um tipo de ambiente com diversas potencialidades e aprendizados a serem explorados pelo professor.

1 Professora do Centro Universitário Padre Anchieta e doutoranda – FE/UNICAMP

2 Doutoranda – FE/UNICAMP

3 Mestre em Educação – FE/UNICAMP

Estas e outras questões encontradas durante a experiência relatada acima motivaram-nos a aprimorar a proposta de trabalho para uma nova oficina, dessa vez destinada aos professores participantes do VI ENFOCO. Voltada para a dimensão social da Educação Ambiental, a oficina teve como objetivos resgatar as concepções de Educação Ambiental e de ambiente dos participantes, através da promoção e do intercâmbio de idéias; possibilitar a interação entre saberes dos participantes e a produção acadêmica na área; estimular a reflexão e o desenvolvimento de uma prática preocupada com a abordagem de Educação Ambiental de modo reflexivo, inovador e integrador.

Em decorrência desses objetivos, elaboramos e desenvolvemos as seguintes atividades: a) resgate das concepções prévias dos participantes e reflexão coletiva; b) resgate histórico com ênfase nas teorias sobre a origem da Educação Ambiental e do Movimento Ambientalista no Brasil e no mundo; c) apresentação oral das tendências de Educação Ambiental, segundo Amaral (2003); d) atividade prática, a partir da leitura de quatro diferentes planejamentos de aulas de uma professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a qual deseja trabalhar com o tema “lixo” em sala de aula; e) discussão e apresentação dos grupos de trabalho; e f) encerramento.

Para o resgate das concepções prévias, utilizamos uma sequência de imagens que deveriam ser comentadas pelos participantes, explicitando-nos algumas concepções a respeito de ambiente e de Educação Ambiental. Mais uma vez, notamos que a visão de ambiente da maioria dos participantes estava fortemente reduzida a aspectos ecológicos e biológicos, desconsiderando, muitas vezes, os aspectos sociais, históricos e políticos, por exemplo. A pertinência do homem no ambiente era lembrada somente quando se tratava de casos de degradação do meio, reforçando a relação dicotômica entre o ser humano e os demais elementos da natureza.

Em seguida, a oficina contou com dois momentos de resgate teórico. O primeiro fez um breve delineamento histórico sobre as origens da Educação Ambiental e do movimento ambientalista no Brasil e no mundo. Nesse ponto da oficina, os participantes puderam conhecer um pouco mais sobre a dinâmica de tais discussões, já que considerar a EA destoadada do contexto histórico da qual emerge é reduzir-lhe a compreensão e o significado.

Dando continuidade ao resgate teórico, foram apresentadas algumas tendências em Educação Ambiental, de acordo com a classificação de Amaral (2003): *Adestramento*

Ambiental; Desenvolvimento Sustentável; Ecologismo Radical e Crítica. Nesse momento, posicionamo-nos quanto à linha que seguimos no grupo (Crítica), apontando alguns aspectos que, de acordo com nosso referencial teórico, precisam ser questionados e repensados nas outras tendências. Isso causou um pouco de desconforto (ou desestabilização) nos participantes, já que estes acabavam de sair, eufóricos, de uma palestra sobre Desenvolvimento Sustentável. Após esse momento de desestabilização, ocorreu um grande debate, que foi muito positivo, tanto para os participantes quanto para os formadores.

Seguiu-se, então, a atividade prática da oficina. Foram entregues aos participantes situações de ensino de um projeto de Educação Ambiental para que discutissem em grupo sobre qual delas seria mais adequada para o desenvolvimento de uma postura mais crítica em relação à dimensão social da Educação Ambiental. Após as apresentações, pudemos notar que não houve consenso entre os grupos e nem mesmo entre integrantes de um mesmo grupo, para efetuar a escolha de qual planejamento seria o mais adequado. Novamente, houve um intenso debate, em que os integrantes chegaram à conclusão de que cada situação de ensino tinha aspectos positivos e negativos e que, na sala de aula, é necessário buscar diversas estratégias e diferentes abordagens para que se atinjam os objetivos propostos.

Um dos aspectos mais positivos durante a realização da oficina foi o grande envolvimento dos participantes na realização das atividades, nos debates e nas discussões ocorridas ao longo da manhã. Consideramos, dessa forma, que a realização da oficina atingiu os objetivos propostos, tendo gerado um processo de reflexão por parte tanto dos participantes quanto dos formadores. Os participantes também demonstraram grande satisfação com a realização da oficina, fazendo uma avaliação positiva sobre o direcionamento das atividades e sobre as reflexões desencadeadas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, I. A. do. A pesquisa em educação ambiental e a formação de professores. **Contestado e Educação** (Revista Virtual) — UnC-Caçador, Caçador-SC, 2003.
- CARVALHO, I. C. de Moura. Qual educação ambiental? Elementos para um debate educação ambiental e extensão rural. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**. Porto Alegre, v. 2, n. 2, abr./jun. 2001.

GRÜN, M. **Ética e educação ambiental:** a conexão necessária. Campinas, SP: Papirus, 1996, 120 p.

JACOBI, P. Educação Ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 189-205, mar. 2003.

LIMA, G. F. da Costa. Questão ambiental e educação: contribuições para o debate. **Ambiente & Sociedade**, NEPAM/UNICAMP, Campinas, ano 2, n. 5, p. 135-153, 1999.

TAMAIIO, A. **Mediação do professor na construção do conceito de natureza.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação – Unicamp, Campinas, 2000.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural:** mudanças de atitudes em relação às plantas e os animais. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.